



EDITORIAL

A Comissão de Mulheres do Sinpro-Rio é um espaço agregador, de escuta e discussão das questões que tocam as mulheres professoras, criado para a construção coletiva de caminhos que promovam e potencializem o lugar de fala, ação e enfrentamento dessas profissionais na luta por seus direitos e por uma Educação de qualidade, libertária e emancipadora.

Este boletim/jornal é a expressão concreta deste processo de construção, que pretende promover e ampliar o alcance de debates importantes sobre a realidade vivida pelas professoras no seu ambiente de trabalho e fora dele. Refletir sobre estes temas nos prepara para o enfrentamento aos desafios que se apresentam e é preciso que estejamos juntas e fortalecidas neste enfrentamento. Fique atenta ao nosso site e as nossas redes! Venha! Esta luta é de todas! Você não está sozinha!

COMISSÃO DE MULHERES PRESENTE AO #8M Dia Internacional de Luta em Defesa dos Direitos das Mulheres

A Comissão de Mulheres do Sinpro-Rio participou ativamente da construção do tradicional ato do #8M no Rio de Janeiro, pelo Dia Internacional de Luta em Defesa dos Direitos das Mulheres, que lotou o Centro do Rio, no dia 8 de março.

O #8M reforça a importância de lutarmos pelos direitos de todas as mulheres: por igualdade de gênero, emprego digno, contra o racismo, o feminicídio e por outros direitos que precisam ser respeitados nos 365 dias do ano.

Ainda no dia 08, pela manhã, participamos da atividade promovida pelo Levante Feminista contra o Feminicídio, na escadaria da Câmara Municipal. Foram colocadas 210 cruzeiros, simbolizando as mulheres assassinadas no estado em 2022 e 2023. No Espaço Cultural Paulo Freire, a COPAP realizou o Dia da Beleza com as professoras e professores aposentados. À noite, após o ato, tivemos o SIM PRO SAMBA, com microfone aberto para as mulheres e uma performance de Marta Moura, integrante do Levante Feminista.



No dia 15/03, foi exibido o documentário “Verde Esperança”, através do CINE EDUCAÇÃO, seguido de debate com a roteirista e diretora do filme, Maria Lutterbach, e a participação das feministas Adriana Mota e Emília Miranda.

No dia 16/03, participamos do Projeto Mulherar, organizado pela Associação de Donas de Casa de Vila Isabel. Um evento potente que reuniu vários coletivos feministas, parlamentares e entidades do Movimento Social.

A Comissão de Mulheres quer ouvir e ecoar a voz e as demandas das professoras do setor privado de ensino em rodas de conversa, ações culturais e demais atividades realizadas no sindicato. Temos muito que avançar na pauta das mulheres junto a nossa categoria e o sindicato é o local propício para a esse processo de conscientização acontecer.

Acompanhe nossas redes sociais e acesse nosso site. Juntas, nos fortalecemos na potência da nossa ação coletiva!

**“Vem menina para avenida
Chega junto fortalecida”**

Assim seguimos lutando há tanto tempo, porque sabemos que nós mulheres só seremos livres quando derrotarmos o machismo e o patriarcado, que são estruturais do sistema capitalista, por isso

esse definitivamente não é o mundo que a gente quer! Mulherada lotou o centro do Rio no 8M e não foi diferente no resto do País! Firmes na certeza que lutamos para superar a misoginia, a violência contra mulher, a divisão social e sexual do trabalho, contra as privatizações, basta de feminicídio, por empregos decentes, comida no prato, uma educação não sexista, e

pelo direito aos nossos corpos. Demos um recado e seguiremos juntas na luta até que todas sejamos livres! Porque mulheres mudam o mundo para mudar nossas vidas, para seguirmos vivas. Nenhuma a menos. Por mim, por nós, por todas! A nossa luta é todo dia! Mas podemos dizer que 8M foi lindo.

Duda Quiroga

MAIS MULHERES NO COMANDO!

A diretora do Sinpro-Rio, Leila Azevedo, Coordenadora da Comissão de Professores/as Aposentados/as e Pensionistas do Sinpro-Rio (COPAP), e diretora da Federação das Associações dos Aposentados e Pensionistas do RJ (FA-APERJ), recebeu a indicação da Federação para assumir a pasta da Secretaria das Mulheres da Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas, o que foi aprovado por unanimidade.



BASTA DE FEMINICÍDIO!

O dia 25 de novembro é o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Lançada em 2008, é uma iniciativa da Secretaria Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) que visa prevenir e eliminar a violência contra mulheres e meninas em todo o mundo, convocando uma ação global para aumentar a conscientização, fortalecer a defesa e criar oportunidades para a discussão sobre desafios e soluções do problema.

Mas o que é feminicídio? É o assassinato de mulheres em contextos discriminatórios. Nomear o problema é uma forma de visibilizar um cenário grave e permanente: milhares de mulheres são mortas todos os anos no Brasil. De acordo com o Mapa da Violência, em 2022, foram registrados 111 homicídios femininos no estado do Rio de Janeiro. Ainda assim, o enfrentamento às raízes dessa violência extrema não está no centro do debate público com a intensidade e profundidade necessárias diante da gravidade do problema.

O feminicídio é a expressão fatal das diversas violências que podem atingir as mulheres. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino ou inesperado; ao contrário, faz parte de um processo contínuo de violências, cujas raízes misóginas caracterizam o uso de violência extrema.

Na maioria dos casos, diferentes formas de violência acontecem de



modo combinado. A violência física é só mais um traço de um contexto muito mais global de violência, que inclui também humilhações, críticas e exposição pública da intimidade (violência moral), ameaças, intimidações, cerceamento da liberdade de ir e vir, controle dos passos da mulher (violência psicológica), forçar a ter relações sexuais ou restringir a autodeterminação da mulher quando se trata de decidir quando engravidar ou levar

adiante ou não uma gravidez (violência sexual). Na violência doméstica, a tendência é que os episódios de agressões se repitam e fiquem cada vez mais graves.

Lembrem-se: a culpa nunca é da vítima! Ninguém deve se responsabilizar pela violência que sofreu, pelo afastamento do agressor do lar, do trabalho ou até a prisão preventiva do agressor.

Denúnciem!

Juntas, pela vida das mulheres!

**MARIA DA PENHA
VIRTUAL DO TJ-RJ**
ACESSE E DENUNCIE!



OU TELEFONE PARA POLÍCIA MILITAR
EMERGÊNCIA - VIATURA VAI AO LOCAL.
DISPONÍVEL 24H/TODOS OS DIAS.

LIGUE 190

O ASSÉDIO COMO PRÁTICA DE GESTÃO NEOLIBERAL

O Relatório Mundial de Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (OMS), publicado em junho de 2022, traz a realidade nefasta que vem se constituindo no mercado de trabalho: o uso banalizado do assédio como prática empresarial de rotina para se extrair aumento de produtividade da classe trabalhadora. A instalação de ambientes competitivos, onde a lógica do mérito norteia o dia a dia e o outro passa a ser um concorrente, submete as pessoas a um ritmo de trabalho que esgota e ultrapassa todos os limites do próprio corpo. Com o conseqüente adoecimento, vem a sensação de desamparo, já que transtornos mentais são tidos, pela lógica empresarial, como fraqueza, como fracasso individual, como motivo para demissões.

A narrativa capitalista quer convencer o/a trabalhador/a de que o sofrimento causado pelo excesso constante de demandas, com prazos cada vez mais curtos, é de responsabilidade do/da próprio/a profissional. A ideia é convencer a classe trabalhadora de que o sofrimento é uma experiência psíquica natural, que pode ser regulada e administrada.

A indústria farmacêutica se aproveita desses processos de adoecimento, cada vez mais comuns, naturalizados e negligenciados, para produzir e vender vários tipos de medicamentos que, na verdade, manterão trabalhadores e trabalhadoras em condições de suportar sua superexploração e seu sofrimento por mais algum tempo.

Dentro desse contexto de exploração neoliberal, é importante ressaltar que apesar da passagem dos séculos, alguns aspectos do trabalho das mulheres permanecem idênticos, como as diferenças salariais, a significativa concentração em setores e ocupações com estereótipos de gênero, a inserção em formas de trabalho mais precárias e o grande volume de horas dedicadas ao trabalho de cuidados e afazeres domésticos, em adição à jornada de trabalho fora de casa. A divisão sexual do trabalho se apresenta na base social da opressão e da desigualdade.

As mulheres estão nas duas esferas, no trabalho produtivo e no reprodutivo, o que gera uma sobrecarga física e psicológica sobre elas. Segundo pesquisa da Lab Think Olga (2019), a cada dez brasileiros com ansiedade e depressão, sete são mulheres. O número, cer-

A divisão sexual do trabalho se apresenta na base social da opressão e da desigualdade.



Designed by Freepik

tamente pode ser explicado pela sobrecarga de responsabilidades, acúmulo de trabalho profissional com os chamados trabalhos do cuidado. Mulheres seguem sendo as que mais sofrem com assédios e demissões após licença parental. Quando o assunto é saúde mental, o quadro é ainda mais alarmante para as mulheres que são duas vezes mais propensas a problemas, como o diagnóstico de depressão, do que os homens. Em relação à ansiedade, 18,6 milhões (9,3%)

de brasileiros sofrem com o transtorno. No recorte de gênero, o transtorno de ansiedade atinge 7,7% da população feminina e 3,6% dos homens. Mulheres negras sofrem ainda mais pois passam por discriminação desde a seleção para o trabalho até a sua permanência no mesmo. Pessoas LGBTQIA+ precisam, muitas vezes, esconder sua orientação sexual, fingir o que não são para preservarem seus empregos. As pessoas trans e travestis sequer conseguem ingressar no mercado de trabalho, antes, precisam lutar para se manterem vivas! A sociedade capitalista é excludente. O mercado de trabalho expressa essa exclusão, sobretudo, com as camadas racializadas e vulnerabilizadas da população.

Não é à toa que a Educação vem sendo alvo de ataques frequentes porque ainda é um lugar de convívio, de troca, onde existe um debate coletivo e democrático. Não é à toa que professores e professoras sofrem um processo crescente de desvalorização, assédio e precarização nas relações de trabalho. A Educação é uma ameaça porque pode ser um espaço emancipador, que possibilite o entendimento de que tudo o que começa, historicamente, também pode terminar, até mesmo a expropriação capitalista. A classe dominante quer um trabalhador sozinho, vulnerável e isolado, mas a história demonstra que os direitos trabalhistas, conquistados com pressão coletiva e luta sindical, proporcionaram conquistas como a diminuição de desigualdades sociais e que, por outro lado, a retirada de direitos coloca o povo na pobreza e no abandono.

Uma democracia demanda representatividade social. Uma democracia também precisa de entidades sindicais que sejam instrumentos de luta coletiva por uma sociedade pensada e construída pela e para a classe trabalhadora, que não seja impulsionada pelo lucro desmedido de uns poucos, mas pelas reais demandas e desejos da grande maioria da população, que tem o direito de viver com dignidade e ter a sua humanidade respeitada. Professoras e professores, só o coletivo nos fortalece! Venham pro seu sindicato!

DOCÊNCIA E ADOECIMENTO MENTAL: QUESTÕES PONTUAIS

O adoecimento mental de professores ocorre quando eles relatam falta de tempo para necessidades básicas como comer, se exercitar, descansar e viver as coisas que amam. É essencial que tenhamos direito a viver com tranquilidade, respeito e dignidade para manter nossa saúde mental em equilíbrio. O contexto da precarização das relações de trabalho dos professores, incluindo baixos salários, sobrecarga de trabalho e desvalorização, contribui diretamente para esse quadro.

A profissão docente foi considerada uma das mais estressantes pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional. As mudanças organizacionais nas escolas e ambientes educacionais tornaram o ensino desgastante, afetando a saúde dos professores. Além disso, as professoras são vítimas diretas das novas formas de trabalhar e adoecer, enfrentando jornadas extensas e maus-tratos. A situação de agravamento do adoecimento mental da categoria docente ocorre em todos os segmentos de ensino, da educação infantil ao ensino superior, em contextos variados e sob a lógica



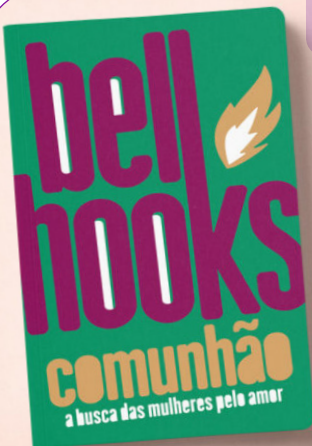
Designed by Freepik

neoliberal que prioriza o lucro.

Propomos uma grande Campanha de enfrentamento e cuidados com professores/as que são a base e o sustentáculo da educação, de uma sociedade democrática, mais justa, com relações de convívio mais humanizantes e humanizadoras. Temos como lema: “quando o professor/a adocece, a educação adocece.” O protagonismo do estudante, que tanto

defendemos, tem que partir do protagonismo do professor/a que se expressa, também, pela definição das condições do seu mundo do trabalho. Precisamos tomar consciência e exercer o valor e a força da luta coletiva e em comunhão. A transformação social tem que vir das lutas corporativas e de uma coletividade empoderada, solidária, consciente e que precisa reafirmar seu lugar na história.

DICA CULTURAL



Livro: Comunhão: a busca das mulheres pelo amor

Autora: **bell hooks**

Editora: **Elefante**

O amor é uma marca de gênero? bell hooks nos mostra que não, mas um grupo é levado a buscá-lo acima de tudo. Em “Comunhão: a busca das mulheres pelo amor”, a autora debate tópicos essenciais para mulheres na contemporaneidade: amor entre mulheres (romântico, de amizade, familiar etc.), o impacto do patriarcado e do feminismo na forma como tomamos o ato de amar, amor e envelhecimento, o amor e o corpo, entre vários outros tópicos. (Crédito: divulgação)



SinproRio

Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região

www.sinpro-rio.org.br



Filiado à

CUT - CONTEE- FETEERJ

ACESSE
NOSSAS
REDES

